

PRÓLOGO

O Pequeno Rio

Depois de fugir da quinta, Eddie guiou sem parar a noite inteira. Por vezes parecia-lhe sentir os dedos fantasma a roçar-lhe as coxas, mas acima dos pulsos não tinha nada. Nódoas escuras cobriam a toalha que envolvia os cotos dos pulsos; a mãe tinha-lhe estancado o sangue atando-a com fios elétricos. Durante mais ou menos a primeira hora, a estrada aos altos e baixos sacudia o carro, aumentando a agonia do rapaz, fazendo-o cerrar os dentes com a dor atroz. Guiando o veículo com os dois antebraços enfiados em duas das aberturas do volante, Eddie não conseguia evitar os abanões e as guinadas do Subaru, e temia que a polícia reparasse nisso e o mandasse parar, que descobrissem que não tinha carta de condução e o prendessem pelo roubo do carro.

Ao chegar ao asfalto liso, virou para a direita sem nenhuma razão especial, e alguns quilómetros depois viu um letreiro que confirmava aquilo que ele e a mãe sempre tinham pensado. Louisiana, suspirou ele. Há quase seis anos que aí estava. Ver finalmente uma prova do sítio onde se encontrava sossegou-o momentaneamente, mas não podia parar. Tinha apenas uma vaga ideia do ponto onde acabava a quinta, e não sabia ao certo se teria avançado para perto do centro, onde alguém o poderia capturar ou matar, ou para longe, em direção à liberdade.

O indicador do nível de gasolina no mostrador começou a ficar vermelho por altura das primeiras placas a indicar Ruston. O dono do Subaru tinha deixado a carteira junto às mudanças, e Eddie viu que havia 184 dólares, o que para os seus dezassete anos parecia suficiente para pagar a gasolina até qualquer lado.

Primeiro seguiu até Houston para procurar a Sra. Vernon, mas para sua surpresa as janelas e as portas da padaria estavam todas entaipadas. Que uma senhora tão responsável tivesse falido ou fugido não indicava nada de bom quanto à sorte do bairro nestes últimos seis anos. O único

sítio seguro que lhe ocorria era a casa da sua tia Bethella. Enfiou um blusão largueirão para esconder dela os ferimentos, mas ao chegar à porta percebeu que era outra pessoa que lá morava — toda a mobília do pátio era diferente, viam-se brinquedos espalhados em cima de almofadas, e no letreiro de madeira perto da caixa do correio lia-se THE MACKENZIES. Como era cedo de mais para bater à porta, foi-se embora, mas no passeio falou com um vizinho que se lembrava dela. Disse-lhe que Bethella vivia em St. Cloud, no Minnesota. A tia tinha-lhe falado em mudar de casa, mas não para tão longe. Não lhe tinha dito que depois telefonava a dar a morada? Teria sido antes de terem cortado o telefone?

Em termos abstratos, Eddie sabia que o Minnesota ficava longe, mas não fazia ideia a que distância. O nome St. Cloud fazia-o pensar em céu. A confusão dele apenas aumentou quando um camionista texano ensonado de chapéu à cowboy lhe deu a entender que era fácil chegar lá. Apanhas a 45 North até à 35, disse o sujeito. Depois é só seguir a 35. Que o acesso da 45 era ali perto.

Para poupar dinheiro, Eddie só parava em Tiger Marts ou em On the Gos para meter gasolina, comer qualquer coisa e usar a casa de banho. Se via algum carro da polícia no estacionamento, seguia em frente. Se para usar a casa de banho de alguma estação de serviço fosse preciso pedir a chave, ia a outro sítio. Depois de ter corrido o fecho uma vez, não conseguiu voltar a puxá-lo para cima. Pensou em dormir, mas, cada vez que estacionava num canto de algum estacionamento e se deitava no assento de trás, ardentes guinadas de dor subiam-lhe pelos braços acima até ao pescoço. Quando pedia ajuda para segurar a mangueira da gasolina, as pessoas franziam o sobrolho, o olhar chocado, como que a perguntar: *Este miúdo consegue guiar sem mãos?* Ele não dizia nada, ficava eriçado e pensava: *Vim até aqui, não vim?*

No terceiro dia, sentindo-se mais seguro depois de chegar ao Minnesota, a dor agora um latejar surdo, sentou-se a bebericar uma Coca-Cola num snack-bar na berma da I-94, o Hungry Haven, um lugar acolhedor decorado com painéis de madeira fora de moda, com restos de citrinos recozidos nos talheres. Na zona de fumadores, uma empregada solitária sentava-se de costas para o balcão, o corpo deslaxado como o de qualquer cliente. Uma notícia de última hora ressoava numa televisão por trás dela. Uma qualquer estrela de rock tinha-se matado com um tiro em Seattle. Ela olhava fixamente a autoestrada como se fosse Deus. Eddie levou algum tempo até chamar a atenção dela, mas, assim que o conseguiu, ela despachou-se, ocorreu prontamente, muito apurada, a esferográfica atrás da orelha.

Não se importa? Não consigo acendê-lo, disse ele, o pedido abafado pelo cigarro que conseguira extrair do maço e puxar com a boca. Sorriu e mostrou os cotovelos, erguendo os olhos ao encontro dos olhos dela.

Oh! Claro, claro, disse ela, os olhos arregalados incapazes de disfarçar a sua surpresa. Riscou um fósforo e ele soprou a chama com o cigarro na boca. Vamos ter um lindo dia, anunciou ela, como algo profundo. Se precisar de mais alguma coisa, diga.

Tinha uma placa com o nome, SANDY, pregada num vestido cor-de-rosa desbotado com um avental cinzento à volta. Sob a sua voz nasalada havia qualquer coisa de uma solicitude tão intensa que Eddie se chegou um pouco para o lado, tal um caranguejo, para escapar ao poder daquele interesse, temendo que ela fosse capaz de o conhecer contra a sua vontade. Sandy afastou-se.

Para dizer a verdade, ando à procura de emprego, tartamudeou Eddie com ela de costas. Não estava ainda à procura, realmente, mas subitamente sentia a necessidade da simpatia dela, superficial ou não, ansiava por ela acima da sua capacidade de se manter distante. Aqui por perto, proseguiu. Estava convencido de que Bethella não iria deixá-lo alapar-se em casa dela por muito tempo. Se é que por algum. Era capaz de nem sequer se importar que ele tivesse perdido as mãos — provavelmente ia deitar as culpas para cima da mãe dele.

Sandy voltou-se e o brilho apagou-se na expressão dela. Hmm, disse ela. De que género?

Que género de trabalho posso fazer? Vai ficar admirada. Reparo coisas. Computadores. Também posso fazer trabalhos de carpinteiro, de electricista, biscates.

Na cara dela lia-se a dúvida, e Eddie pensou que quase podia ler o que lhe ia na cabeça: *Mas como pode este rapaz fazer isso neste estado?*

Eddie endireitou-se no banco. Consigo fazer praticamente tudo a que me atiro, disse ele, derramando vivacidade por cima da hesitação dela. Há três coisas que Deus pede aos Seus filhos: Faz o melhor que podes, no lugar onde estás, com o que tens em cada momento.

É bonito, isso, disse Sandy. Aposto que foi a sua mãe que lhe ensinou isso.

Eddie sorriu porque sabia que a mãe dele nunca teria dito tal coisa — tinha apanhado a frase à Sra. Vernon — mas nesse momento ocorreu-lhe que Sandy iria pensar que o sorriso significava *Sim, claro que foi a minha mamã*. Confirmar que a fantasia dela sobre a vida dele era verdade iria torná-la mais disposta a ajudar. Depois de uma curta conversa, ele deu-lhe o seu nome completo e ela escreveu-o num

guardanapo húmido. Eddie calculou que nunca mais viria a ter notícias dela.



Eddie levou um dia e meio a encontrar Bethella. Perguntou a um dos raros transeuntes negros onde podia encontrar um salão de beleza, acrescentando que andava à procura da sua tia. O homem perguntou-lhe o nome dela, que não reconheceu, e depois recomendou-lhe que tentasse o Marquita's Beauty Palace em St. Germain. Para lá chegar, Eddie teve de atravessar de carro o rio Mississippi — leu a placa em voz alta ao passar. Espantava-o que fosse o mesmo rio que corria perto da sua terra natal, Ovis, na Louisiana, e que percorresse uma distância tão grande como a que ele acabara de fazer de carro. Ver aqui o mesmo rio ajudou-o a adaptar-se. O Grande Rio não era largo nem grandioso no Minnesota, mas não o enchia do mesmo pânico que sentia lá — tinha menos que ver com morte. O passado não deslizava por estas águas mais baixas; não o deixava a imaginar fantasmas afogados a olhar para cima no fundo do rio ou a boiar em condutas, os olhos esbugalhados a perguntar *Porquê?*

St. Cloud apaziguava-o — as suas casas suburbanas a intervalos regulares faziam-lhe lembrar uma cidade em madeira de balsa que tinha visto num livro para crianças. Mesmo os grandes prédios de habitação ficavam situados entre árvores altas e saudáveis e extensos relvados e, muito embora pudesse haver centenas de brinquedos Day-Glo espalhados ao acaso numa entrada de garagem, os inúmeros lotes a seguir tinham jardins bem arranjados, exibindo já alguns rebentos verdes, enquanto aqui e ali algum açafão pressagiava uma primavera agradável. Sentia-se mais em casa do que em Ovis, um sítio que não via há quase uma década.

Eddie andava às voltas pela zona há cerca de meia hora sem sair do carro, subitamente embaraçado por não ter mãos depois de ter sentido o que tomou por condescendência da parte de Sandy. Mas finalmente, ao pensar em como a mãe precisava de o ter de volta na Louisiana, estacionou junto a um salão de beleza e empurrou a porta com o ombro, mantendo os braços atrás das costas com um à-vontade estudado. As mulheres do Marquita não conheciam Bethella, mas conheciam outro salão de beleza, o Clip Joint, na parte oeste da cidade. Quando Eddie lá chegou já estava fechado, pelo que ele, finalmente exausto, já sem aquelas dores que impedem o sono, levou o carro para o canto de um parque de estacionamento deserto, torceu-se todo para se enfiar na parte de trás do carro,

e dormiu durante um bom bocado até que ficou demasiado frio e teve de ligar o motor, girando as chaves na ignição com os dentes.

Quando na manhã seguinte se dirigiu ao Clip Joint, manteve os pulsos enfiados nos bolsos. Era melhor mantê-los à vista, mas tinha-se deixado dominar pelo embaraço. Uma mulher gorda bonita numa indumentária preta e a imitar pele de leopardo cingida ao corpo disse-lhe que conhecia a tia dele e explicou-lhe exatamente onde a poderia encontrar. Depois lançou-se numa conversa unilateral, primeiro sobre a grande admiração que tinha por Bethella, depois sobre a situação no Ruanda e vários outros assuntos. Eddie saiu às arrecuas da loja com ela sempre a falar, dirigindo-se então às colegas de trabalho.

Com o blusão ainda vestido, agora tanto por causa do frio como por subterfúgio, chegou à morada que a mulher lhe tinha dado e ficou uns instantes à entrada, receando que a informação fosse errada, depois subiu o resto dos degraus e tocou a campainha. Quando abria os braços o tecido escondia as feridas e caía-lhe sobre os pulsos de maneira aceitável, quase como as orelhas de um cão amistoso. Achou que esta solução desajeitada, aliada às calças largueironas, devia ser o bastante para lhe dar o ar de um rapaz de dezassete anos normal capaz de enganar a tia durante um bocado. Voltou a enfiar os pulsos nos bolsos.

Neste momento, percebeu que havia movimento dentro de casa, talvez os passos de alguém a descer uma escada atapetada, depois viu um dedo a afastar uma cortina de tafetá pregueada ao lado da porta, revelando um dos olhos da tia, que manifestou o choque repentino. Eddie ouviu um guincho abafado de prazer e sentiu o ar agitar-se quando ela escancarou a porta num único movimento amplo. Bethella era uma mulher delgada com um cenho céptico e uma testa alta. Agora mais grisalha, em madeixas como traços de giz, o cabelo fino cingido ao crânio sob uma touca de rede — não tinha ainda posto a peruca do dia. Um vestido feito em casa com minúsculos malmequeres pendia dela como de um cabide de arame, os ossos do pescoço salientes, os dedos angulosos com fragmentos de verniz das unhas nas pontas.

A penúltima vez que a tinha visto, no Dia de Ação de Graças dos seus dez anos, Bethella tinha-se apresentado no apartamento de Houston onde ele vivia com a mãe com uma tarte de batata-doce embrulhada em papel de alumínio. Antes de passar o limiar da porta, Bethella disse à mãe dele: Vou dar-te uma última oportunidade para seres sincera comigo, Darlene. Tens consumido? Quando a mãe dele gritou: Não! Bethella atirou de lado a tarte para o alpendre de entrada, onde se desfez e ficou grudada. Depois deu meia-volta e em largas passadas atravessou a rua em direção ao carro.